



A PEDRA FUNDAMENTAL

Lina Monetta

O convite das professoras Maristela Belletti Urasaki e Beatriz F. Alves Yamada para registrar a história da criação da revista *Pelle Sana* traz a oportunidade de destacarmos fatos importantes que marcaram um período da nossa trajetória, quando se deu o início da Enfermagem Especializada em Dermatologia no Brasil, uma vez que a história da revista *Pelle Sana* se mistura à da fundação da Associação Brasileira de Enfermagem em Dermatologia – SOBENDE, pois a criação de ambas se deu conjunta e quase simultaneamente.

Importante contextualizar alguns dados da época sobre o panorama da saúde na área da dermatologia, para que possamos compreender o que moveu um grupo de enfermeiras a reunir-se, trocar experiências, organizar-se como associação de enfermagem especializada na área e desenvolver, junto a um fenomenal e generoso artista, uma revista que, além de levar ciência, pudesse agraciar seus leitores com as sutilezas e os estímulos que somente a arte pode transmitir.

Em meados dos anos 1990, a enfermagem assistia a um panorama inquietante no que tange aos agravos dermatológicos da população brasileira, com níveis endêmicos de hanseníase em

SEMPRE HOUE GRUPOS QUE, EM SEUS “PEQUENOS MUNDOS”, CONSEGUIAM IMPLANTAR UMA ASSISTÊNCIA DE REFERÊNCIA

várias regiões do Brasil, com taxas de detecção de mais de 28.000 casos novos/ano, segundo dados do SINAN, órgão de notificação do Ministério da Saúde.

Os índices epidemiológicos da leishmaniose tegumentar americana, considerada pela OMS uma das seis mais importantes doenças infecciosas pela sua capacidade de produzir deformidades, encontrava-se em crescente aumento, significativamente a partir da década de 1980, quando os casos registrados chegaram a atingir, em 1994, níveis de 22,8 casos por 100.000 habitantes. Números alarmantes.

O quadro dos três principais tipos de feridas crônicas não era diferente, tanto as vasculogênicas, como as lesões por pressão e principalmente as diabéticas. Elas também causavam grande preocupação à enfermagem, seja pelos crescentes índices de incidência e prevalência, seja pelos danos e riscos de complicações, pelo grande sofrimento causado aos pacientes e familiares e no âmbito da gestão da saúde pública e privada, pelos vultuosos custos envolvidos.

A consciência da gravidade dos fatos e até das ações de enfermagem, que deveriam ser corrigidas para colaborar no controle das patologias dermatológicas no Brasil, somada à resistência da maioria dos profissionais de saúde em assimilar conhecimento técnico de novos conceitos sobre cuidados com a pele e manejo de feridas e a existência de novas tecnologias para tratamento e cicatrização da pele, inacessíveis ainda em nosso país, instalavam certo sentimento de impotência e frustração entre os enfermeiros sensíveis aos agravos dermatológicos que afetavam tanto nossa população.

Sempre houve grupos que, em seus “pequenos mundos”, conseguiam implantar uma

assistência de referência, com princípios atualizados e uso de recursos adequados. Mas ações isoladas ou de pequenos grupos não eram suficientes para garantir a mudança da realidade nacional e ampliar a autonomia do enfermeiro nas instituições que, de modo geral, se restringia ao cuidado de higiene e proteção destas lesões e ao simples acompanhamento das sequelas das patologias não controladas e sabidamente preveníveis.

Importante também destacar que na década de 1990, apesar de a literatura já apresentar de forma sedimentada os conceitos e as evidências que reformulariam toda a prática do cuidado e tratamento de feridas, poucos enfermeiros tinham acesso a esse saber e mesmo após ter acesso, havia muita dificuldade na implantação desses novos conceitos em nosso meio, seja pela resistência dos outros profissionais da equipe multidisciplinar, seja pela falta de aderência dos próprios colegas em atualizar-se cientificamente, rever seus paradigmas e aceitar os novos conceitos para, então, mudar sua praxis. Consequentemente, instalava-se entre esses profissionais a necessidade de inter-relacionarem-se, de trocarem experiências, unirem-se para criar estratégias na enfermagem

que permitissem uma atuação mais atualizada, coesa e intervencionista no cuidado dermatológico, em que o enfermeiro pudesse difundir conceitos e práticas que efetivamente contribuísssem na prevenção das doenças e suas sequelas e nos cuidados à cicatrização da pele, ou seja, que interferissem concreta e positivamente na realidade. Porém, por alguns anos, estes enfermeiros atuavam de maneira isolada e de certa forma silenciosa nos seus ambientes de trabalho e no seu círculo de relações.

Um fato curioso provocou, em 1994, a primeira iniciativa de tentar reunir esses enfermeiros, e devo admitir: não foi uma ação planejada e sim uma reação a um incômodo.

Ainda no primeiro semestre daquele ano, fui convidada a participar de um evento em São José do Rio Preto sobre cuidados com feridas, para palestrar sobre cuidados em pacientes com lesões por pressão. Fui acompanhada pela colega de trabalho Irene Kreutz e somente lá nos demos conta de que toda a coordenação do evento e quase a totalidade da plateia eram compostas por médicos e fisioterapeutas. Incomodadas com a falta de enfermeiros naquele importante fórum de debates e renunciando, dentro de uma perspectiva pessimista, que o enfermeiro poderia perder sua autonomia nessa área do cuidado, ainda no ônibus, retornando com Irene a São Paulo, decidimos naquela mesma noite que deveríamos fazer algo de concreto para reunir e sensibilizar os enfermeiros quanto à nossa percepção.

Assim, em poucos dias reunimos cerca de 20 enfermeiros, todos da cidade de São Paulo, de diferentes instituições, do ensino e da assistência, pública e privada, e foi assim, discutindo sobre a ação da enfermagem e sua

autonomia no cuidado à população acometida por agravos dermatológicos, que se formou o Grupo de Enfermagem em Dermatologia – GEDE.

Cabe aqui lembrar os membros fundadores: Fermina Mendonça B. Silva, Iolanda Lopes de Souza, Irene Kreutz, Lina Monetta, Marcia Takeiti, Maria Cristina Sardini Martins, Monica Antar Gamba, Pamela Ortiz Zamorano, Paolo Meneghin, Rosibel Rodrigues Ribeiro, Silvia Regina Zomer da Fonseca, Sonia Maria Marques, Valéria Brazoloto, Vania Declair e Vera Borrasca.

As reuniões aconteciam no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, graças ao apoio da gerente de enfermagem Lore Cecília Marx, que de forma visionária compreendeu a importância dos objetivos do GEDE e nos estimulou a prosseguir nos trabalhos.

Nos sucessivos encontros, o grupo debatia sobre o papel do enfermeiro no cuidado ao paciente com feridas e patologias dermatológicas e, de forma impressionante, detectávamos um alinhamento da percepção entre os integrantes do grupo, mesmo sendo colegas sem qualquer tipo de interação, em instituições tão diferentes, com realidades diversas. O comum entre todos era o tipo de paciente que assistía-

OS DESAFIOS DE CRIAR UMA SOCIEDADE DE ESPECIALISTAS ESPECÍFICA PARA TODA A ÁREA DE CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM NA DERMATOLOGIA

mos, suas necessidades, riscos, queixas e expectativas. Rapidamente, ficou evidenciado em nossos debates que a única forma de o enfermeiro ampliar sua autonomia seria ampliando seu conhecimento técnico-científico pois, na maioria das vezes, não sentíamos o enfermeiro preparado para assumir os desafios da prática.

Prevendo o que comporia um curso de especialização para aprofundar os conhecimentos do enfermeiro na área da dermatologia, inicialmente focamos no que parecia ser, naquele momento, o maior desafio a ser enfrentado: o papel do enfermeiro na prevenção e no tratamento de pessoas com feridas, haja vista a elevada demanda de pacientes com feridas crônicas nas instituições e a forma ainda muito superficial e por vezes desatualizada com que os serviços atendiam a população.

Sensibilizadas com a premência na qualificação de enfermeiros para garantir e ampliar sua autonomia na área e após realizar um levantamento das especialidades de enfermagem já reconhecidas no Brasil, o grupo avaliou que seria mais prático criar, inicialmente, uma especialização como sub-área da estomaterapia – especialidade já reconhecida no Brasil e com Sociedade de especialistas constituída na nossa categoria. Chegamos a levar nosso pedido formalmente à então presidente da Associação Brasileira de Enfermagem em Estomaterapia - SOBEST, professora Vera Lucia Conceição Gouveia Santos, que após consultar o Conselho Mundial ao qual a SOBEST se reporta, não pôde aceitar nossa solicitação por orientação da World Council of Enterostomal Therapists - WCET, resposta que foi apresentada pela professora por meio da leitura do documento-resposta da entidade internacional em

reunião do GEDE realizada no Hospital São Camilo de Santana.

A partir dessa posição da SOBEST, o grupo decidiu, seguindo o modelo de enfermeiros de outros países, enfrentar os desafios de criar uma sociedade de especialistas específica para toda a área de conhecimento da enfermagem na dermatologia.

Aos poucos, o grupo consolidou-se como um grupo de interesse científico buscando agora instruir-se sobre as providências para formação de uma sociedade de especialistas. Em 1997, criou uma publicação bimestral de oito páginas para poder veicular informações de interesse da enfermagem em Dermatologia, intercambiar experiências entre profissionais, instituições de ensino e assistência, de empresas e, principalmente, fomentar a pesquisa. Na ocasião, o artista plástico Luiz Carlos Rufo (in memoriam) conheceu o grupo e se sensibilizou com os desafios do GEDE, decidindo então, generosamente, “apadrinhar” nosso boletim, doando seu trabalho de Diretor Editorial ao nosso periódico, que logo foi denominado como Pelle Sana.

Por meio das pessoas que compunham sua coordenação e suas comissões, apoiavam o Pelle Sana as seguintes instituições: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina, Hospital Sírio Libanês, Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Hospital Israelita Albert Einstein, Hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo, INCOR – Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP, Hospital São Paulo, Hospital Edmundo Vasconcelos e Hospital do Câncer – Fundação Antônio Prudente.

O GEDE também contou com grande auxílio da enfermeira Berenice Nunes, então presidente da Sociedade Brasileira de Enfermagem em Terapia Intensiva, na orientação das providências estatutárias e legais e em evento realizado em Minas Gerais, quando procurou a então presidente da Associação Brasileira de Enfermagem seção São Paulo ABEN-SP, Sra. Maria D’Innocenzo, para pedir que o endereço da SOBENDE pudesse ser registrado na sede ABEN-SP. Ela gentilmente aceitou e mostrou-se publicamente honrada em abrigar a nova sociedade de especialistas.

Uma decisão importante foi definir a composição da primeira Diretoria Nacional, pois tínhamos a preocupação de unir enfermeiros que já estivessem engajados de alguma forma com a dermatologia, para somar expertise ao grupo, a exemplo de colegas como Silma Cunha Ribeiro (*in memoriam*), de Minas Gerais; a professora Maria do Carmo Haddad, do Paraná, e a professora Maria Helena S. Mandelbaum, de São José dos Campos, que já atuava há anos diretamente na dermatologia clínica e estética.

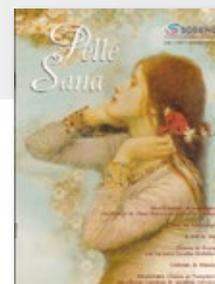
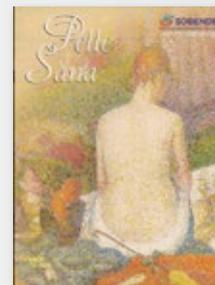
Com a colaboração de todas as colegas e instituições envolvidas, finalmente em 6 de abril de 1998, nas dependências do Hospital Sírio Libanês, foi fundada a Associação Brasileira de Enfermagem em Dermatologia, tomando posse sua primeira diretoria: presidente - Lina Monetta (SP), vice-presidente - Irene Kreutz (MT), 1ª secretária - Valéria Brazoloto (SP), 2ª secretária - Maria Cristina Sardini Martins (SP), 1ª tesoureira - Fermina Mendonça Borges da Silva (SP), 2ª tesoureira - Rosibel Rodrigues Ribeiro (SP), conselho fiscal - Valclei Aparecida Gandolpho (SP), Silma Cunha Ribeiro

(*in memoriam*) (MG), Marcia Hitomi Takeiti (SP). No Departamento Científico: coordenação - Vania Declair (SP), Maria do Carmo Haddad (PR), Maria Helena S. Mandelbaum (SP), Fátima Cristina da Cunha Viterbo (RJ) e Walda Targini Pinto (RJ). Departamento Editorial: coordenação - Mônica Antar Gamba (SP), Vânia Declair (SP), Fermina Mendonça Borges da Silva (SP), Silvia Regina Zomer da Fonseca (SP). Departamento de Divulgação: coordenação - Vera Borrasca (SP), Sonia Maria Marques (SP), Iolanda Lopes de Souza Santana (SP), Raquel Helena Piovesan Guimarães (SP), Ana Lucia Senise (SP), Helena Carolina Noal (RS), Eduardo Fittipaldi Silva (MG) e Sandra Maria Brunini de Souza (GO).

Esta primeira diretoria entendeu que deveria iniciar seus trabalhos na produção e disseminação da informação científica. Isso contribuiria para a atualização da categoria, atrairia profissionais generalistas a se interessarem pela enfermagem dermatológica, agregaria as colegas, especialmente as distantes de centros de referência, para futuros eventos científicos e estimularia universidades a criarem cursos de enfermagem em dermatologia.

Era hora de o boletim *Pelle Sana* se transformar em revista. Rufo não apenas concordou em continuar nos apoiando, como fomentou em todo o grupo a prática da escrita para o compartilhamento do saber. Criamos um projeto ousado, uma revista com 24 páginas, trimestral, o que nos envolveu em uma demanda acelerada de pesquisa de temas e busca de informações. A revista nos cobrava permanentemente, e com prazo rígido, material para intercambiar experiências e “dialogar” com o leitor, e isso era muito positivo e desafiador. Rufo fazia

OBRAS DE MICHELANGELO, GEORGES SEURAT, GIOVANNI BELLINI E JOHN WILLIAM WATERHOUSE FORAM ESCOLHIDAS A DEDO PARA PRESENTEAR OS LEITORES



questão de participar de algumas reuniões do grupo com o objetivo de entender sobre a prática de cada uma e cobrava (incessantemente) que escrevêssemos sobre nossas experiências.

Mas a principal colaboração deste inestimável amigo foi a quebra de um paradigma que parecia sedimentado entre nós. Para o grupo, uma revista científica deveria ser séria, com poucas cores, com imagens apenas relacionadas ao conteúdo científico. Éramos rígidas nesse conceito e toda vez que ele trazia um boneco da revista, discutíamos muito sobre a imagem dela.

Rufo nos ensinou a aceitar a arte como parte da ciência. Foi justamente estudando a nossa prática e entendendo a dimensão da nossa atividade, o impacto do cuidado no ser humano, que ele criou o estilo da Pelle Sana e nos convenceu de que as cores e imagens auxiliam a alma a ler e enxergar melhor os fenômenos que objetivávamos transmitir pelos artigos. Sem dúvida, um artista e gênio.

A Pelle Sana foi uma obra que buscou informar, atualizar e estimular os profissionais a despertarem seus sentidos durante a leitura.

Obras de Michelangelo, Georges Seurat,

Giovanni Bellini e John William Waterhouse foram escolhidas a dedo para presentear os leitores e abraçar a publicação que guardava, muitas vezes, imagens desagradáveis de se ver, mas necessárias. Ao término da leitura e da contemplação daquela imagem inspiradora e agradável, era como se nos despedíssemos de cada leitor, acarinhando sua alma e convocando-o para a missão que o aguardava.

Por intermédio da Pelle Sana, entendemos que a arte pode nos elevar ao encontro das demais dimensões humanas além do que medimos, observamos, investigamos e tocamos. A ciência e a arte se complementam totalmente.

A Pelle Sana foi a Pedra Fundamental da Associação Brasileira de Enfermagem em Dermatologia – SOBENDE. A retomada de sua produção é um grande desafio. Espero, pessoalmente, que ela volte a ser a alavanca da Sociedade e se mantenha como um instrumento de formação e reflexão de seres humanos que cuidam de seres humanos.

